

ALVOS MÓVEIS E O ELETRÔNICO CANIVETE SUÍÇO: CULTURA HACKER, CIBERFEMINISMO E A REDE NINA¹

Simony César Ramos²

No contexto da discussão sobre empoderamento feminino com o uso de tecnologias em rede para gerar e compartilhar localização via GPS³, hipertextos, vídeos, áudios, imagens, opiniões, planejar ações com o intuito de reivindicar direitos, ressignifica, desta forma, aspectos democráticos. Ações orquestradas por pessoas desconhecidas portadoras de dispositivos de comunicação e computação que facilitam o arranjo dessa interação constroem o conceito de *smart mob* de acordo com Rheingold (2002). O processo comunicacional *peer-to-peer*, tendo como aporte de difusão dispositivos móveis de comunicação, colabora para construção participativa, interativa, igualitária e descentralizada. O campo comunicacional torna-se, portanto, um espaço de luta político identitária. Conforme Jenkins (2009), o celular é o equivalente eletrônico do canivete suíço. Um objeto com mutáveis aplicações. As novas mídias tecnológicas redimensionam, reestruturam, reestabelecem os modos de organização de vários movimentos civis, um deles, o movimento feminista. O movimento feminista, diante da velocidade da tecnologia, das possibilidades de suas redes e conexões, torna-se ciberfeminista.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 28).

Segundo pesquisa divulgada pelo *World Telecommunication/ICT Indicators* (apud SIBAUD, 2013), o acesso a redes móveis já está disponível para 90% da população mundial e existem atualmente cerca de 5,9 bilhões assinantes de telefonia móvel em todo o mundo (87% do total mundial população). Com base nos dados apresentados na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

¹. Artigo apresentado ao Eixo Temático 05 – Gênero / Comunidades LGBT's / Feminismo do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Aluna do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Participa do Grupo de Pesquisa Mulheres na escrita do design gráfico brasileiro: ausência ou mascaramento? (IFPB). E-mail: simonycesarr@gmail.com.

³. Acrônimo de *Global Positioning System*, sistema de navegação por satélite que fornece a um aparelho receptor móvel as coordenadas terrestres da posição do mesmo.

Estatística (IBGE), apontam que em 2013, 103,5 milhões de mulheres viviam no Brasil - o equivalente a 51,4% da população. O último senso publicado pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) mostra que o Brasil registrou, em maio de 2015, 284,15 milhões de linhas móveis ativas com densidade de distribuição de 139,16 acessos por 100 habitantes. O fenômeno da convergência e a emergência da sociedade participativa são fatos que marcam a era contemporânea, deste modo, o objetivo do presente trabalho é de compreender como a evolução das TICs⁴ e o uso e compartilhamento de dados livres influenciam e colaboram a luta feminista no que tange a mapear casos de violência contra a mulher em transportes públicos.

A justificativa dá-se pelo baixo índice de formalização das queixas referente às ações de assédio que ocorrem contra mulheres em meios de transportes públicos. Munidas de aparelhos digitais, cada mulher torna-se um alvo móvel identificável e ligada à rede Nina de mapeamento de assédio, passa a ter o poder de transformar, em poucos cliques, o seu celular em um “canivete eletrônico” de mapeamento e sororidade⁵. O dispositivo de denúncia soa imediatamente um alerta para todas as pessoas que também têm o Nina e estão a um raio próximo da vítima, além de redirecionar o mesmo dado para um portal onde alimenta, desta forma, as áreas com maior incidência e variação de crime, linha de ônibus, número de ordem, trecho e horário. Uma rede social de nicho, de empoderamento, de luta, de espaço e de voz para o feminismo.

A colaboração híbrida

O surgimento de uma *Internet*⁶ colaborativa, segundo Lévy (2000), possibilita que a inteligência coletiva seja pulverizada, disseminada. Sua linha de pensamento encaminha-nos a

⁴ . Tecnologias da Informação e Comunicação.

⁵ . Sororidade é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. O conceito da sororidade está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros. Fonte: <http://migre.me/vnYU5>

⁶ . “A internet nasceu em 1969, nos Estados Unidos. Seu nome original era ARPA (Advanced Research Projects Agency). Criada na época da Guerra Fria, a ARPA era uma rede do departamento de defesa norte-americano que tinha por função interligar centros de pesquisas. A internet foi concebida como uma rede sem um ponto de comando central único e essa construção permite que ela continue ativa mesmo em caso de suspensão nas comunicações de alguns de seus centros. Todos os pontos da rede têm o mesmo poder de comunicação. [...] A WWW (World Wide Web), nascida em 1991, corresponde à parte da Internet construída a partir de princípios do hipertexto. A WWW foi desenvolvida por Tim Berners-Lee, que trabalhava para o CERN, um laboratório de pesquisas europeu sediado na Suíça. A Web baseia-se numa interface gráfica e permite o acesso a dados diversos (textos, músicas, sons, animações, filmes, etc.) através de um simples “clique” do mouse. Devido à facilidade que sua interface oferece, a Web vem crescendo de uma forma vertiginosa. Antes da WWW, era necessário conhecer comandos UNIX para ‘acessar’ a Internet”. (LEÃO, 2001).

ver a *Internet* como corredor pelo qual tange uma grande quantidade de práticas sociopolíticas, econômicas e culturais.

Acesso aos computadores... deve ser ilimitado e total... Todas as informações deveriam ser livres... *Hackers* desconfiam das autoridades e promovem a descentralização... *Hackers* devem ser julgados por seus “hackeramentos” e não por outros critérios, tais como escolaridade, idade, raça ou posição social... Você pode criar arte e beleza em um computador... Os computadores podem mudar sua vida para melhor. (LEVY, 2010, p. 28).

Entende-se, por *web 2.0*, a segunda geração da *web* baseada na inteligência coletiva, isso significa uma construção grupal de conhecimento que resulta na criação de nichos específicos para apoiar determinadas causas, discutir temáticas individuais e coletivas, que reverberam em uma reflexão da opinião pública sobre determinados temas, assuntos, pautas. Ensinam, transmitem, propagam informações políticas e sociais.

Nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. Estamos a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p 30).

Hoje, vive-se de modo híbrido, entre células e bits, cambiando a presença entre o meio físico e virtual na rede, onde múltiplos sistemas de mídia coexistem em um espaço interativo de criação e geração, de trocas, além de armazenagem de informações, tornando-se, a *Internet*, portanto, uma importante ferramenta de colaboração entre os participantes. Para Castells (2013), o espaço público dos movimentos sociais, na sociedade contemporânea, é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais no ciberespaço e o espaço urbano ocupado.

(...) ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela *Internet*. O mesmo pode ser dito do movimento ambiental, o movimento das mulheres, vários movimentos pelos direitos humanos, movimentos de identidade étnica, movimentos religiosos, movimentos nacionalistas e dos defensores/proponentes de uma lista infindável de projetos culturais e causas políticas. O ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques. (CASTELLS, 2003, p. 114-115).

A coabitação entre tecnologias e movimentos sociais reverbera em um procedimento de fluxo informal de conteúdo de mídia, quando o processo de arquivar, comentar os conteúdos, editá-los, apropriar-se deles e colocá-los de volta em circulação são facilitados para os consumidores. Jenkins (2009) denomina tal processo como convergência alternativa e detona a inteligência coletiva como fonte alternativa de poder de mídia, um micropoder. Forma-se

uma nova espécie de cenário que é denominado por Shirky (2011) como cultura da participação.

O estudo de Barros (2012) considera que a expressão é utilizada por Shirky como forma de avigorar e caracterizar a participação a partir da conexão com outros usuários no meio midiático. As novas tecnologias aliadas às inúmeras contribuições que demandam dedicação, talento e tempo das pessoas conectadas, transformam, modificam o modo de relação com a mídia o que propicia assumir não apenas uma cultura de mídia, mas sim uma cultura da participação.

O contra fluxo da informação

Nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 60, uma série de ações e movimentos culturais da juventude foi paralelamente adotada em outros lugares do mundo. A contracultura⁷ foi fruto de uma sociedade opressora, sendo reivindicada por jovens que fugiram do padrão ocidental de cultura Pós-Segunda Guerra Mundial marcado pela criação, desenvolvimento e exploração de novas tecnologias de produção e armamentista.

Transformações mundiais afetaram abrupta e diretamente a vida das pessoas no que tange ao consumo quanto às escolhas culturais e políticas na época. No mesmo período, um projeto até então de origem científico e militar, o computador, tornou-se um instrumento de comunicação e interação social sob a influência da ação dos *hackers*. Os *hackers* participaram da chamada revolução informática desde o final da década de 50, insuflando o que seria mais um projeto de expansão tecnológica através de práticas colaborativas.

Ainda segundo Roszak (1972), mais que uma forma de entender a “desilusão da juventude”, a contracultura transformou-se em um instrumento a favor da construção de uma nova sociedade. O autor ainda aponta que a contracultura é a ação dos jovens e que a juventude não pode ser resumida a uma fase da vida, ou seja, a idade, pois está ligada diretamente às práticas sociais do indivíduo. O grupo “rebelde” respondeu à sociedade não apenas através de ideias, mas também de ações, mostrando ao mundo o que ambicionava e pregava, uma cultura libertária. Para Levy (2010), a determinação em desvendar as sinuosidades da tecnologia para transformá-la em um instrumento de desenvolvimento social, a atuação dos *hackers* foi de suma importância, foi decisiva, para a definição dos padrões e protocolos que desenharam a Comunicação Mediada por Computador (CMC) e na invenção de práticas colaborativas.

⁷. Tradução livre: “O termo contracultura, de acordo com Bennet (2001), é um termo que ajuda a compreender a desilusão da juventude da época sobre o controle da cultura dos pais e falta de desejo de não ser parte da máquina sociedade.” (CORTÉS, 2008, p. 263).

Subordinada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, ARPANET, Agência Norte-americana que deu origem à *Internet*, entendia como finalidade do projeto criar uma rede de informações que pudesse resistir a possíveis ataques inimigos no período da Guerra Fria. Três grupos de elementos atuavam no desenvolvimento do projeto, além do militar, a comunidade acadêmica integrava a equipe com um intuito de arquitetar uma rede de colaboração de trabalho científico. Os *hackers* eram o terceiro elemento, vindos de fora das “instituições sociais”, interessados em criar novas relações alternativas de poder. “a Internet nasceu da improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária” escreveu o sociólogo Manuel Castells (2003, p. 19). Representados por grupos com raízes na contracultura, também estiveram presentes no desenvolvimento, como uma influência que não estava prevista no projeto original e que fugiu ao controle. Segundo Roszak (1972), os *hackers* arrancaram as teorias de livros e transformaram em um estilo de vida, em experiências. Rheingold (2002) afirma que *hackers* projetaram a *Internet* como um laboratório de colaboração para criar melhores tecnologias.

Em análise, Martins (2006) aponta *hackers* como sujeitos autônomos produtivos, sujeitos capazes de criar riqueza em rede e de difundir no mundo modos alternativos de vida e trabalho. *Hackers* alagaram os sistemas computacionais com a cultura de práticas colaborativas ao transformarem um projeto, a priori, de teor tecnológico-militar em um projeto de comunicação permitindo a troca e interação social. A autora afirma ainda que a bandeira *hacker* está além do direito de produção, pois compreende a nascer de uma produção subjetiva coletiva e esse fator a torna uma potência social. Os *hackers*, segundo Martins, povoaram a rede, tendo como norte vigente, a colaboração e criação de parcerias entre os usuários.

Castells (2009) define redes como estruturas abertas com capacidade de expansão ilimitada. Ainda, segundo o supracitado, as redes constituem a nova morfologia da sociedade e a difusão lógica de tais modifica de forma substancial a operação de resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. As redes geram novas associações de parceria, de troca que colaboram para o aumento exponencial de conhecimento e compartilhamento social de tal. Essa é uma característica do modelo de produção científica, pois a evolução da ciência se dá pela partilha, troca e fluxo de comunicação e colaboração entre os pesquisadores.

Células, bits e dados

Desde o final da década de 50, os *hackers* participaram da chamada revolução informática. Para Levy (2010), a determinação em desvendar as sinuosidades da tecnologia para transformá-la em um instrumento de desenvolvimento social, a atuação dos *hackers* foi decisiva.

va para a definição dos padrões e protocolos que desenharam a Comunicação Mediada por Computador (CMC) e na invenção de práticas colaborativas.

Nesta sociedade de intermediários tecnológicos baseados em *softwares*, a cultura *hacker* ganha importância. A preocupação de *hackers*, como Richard Stallman, com a transparência do código-fonte é reforçada por análises que demonstram que os códigos têm o mesmo papel que as leis por delimitarem nossas ações (Lessig) e que a comunicação em rede é completamente dependente dos protocolos (Galloway). “*Hackers* conhecem os códigos melhor que ninguém. Eles falam a língua dos computadores como se fosse uma língua materna”, afirmou Galloway (2004). *Softwares* de grande relevância social com o código fonte fechado não permitem saber quais rotinas de fato realizam, são inseguros por definição devido a sua opacidade e deixam seus usuários completamente dependentes da empresa que os desenvolveu. *Hackers* ligados ao movimento Floss⁸ defendem que *softwares* e protocolos de comunicação devem abrir a possibilidade, para todos que quiserem, de conhecer completamente aquilo que fazem e como suas rotinas foram escritas. (SILVEIRA, 2010, p. 37).

Rheingold (2002) afirma que *hackers* projetaram a *Internet* como um laboratório de colaboração para criar melhores tecnologias. Eles radicalizaram o processo de conhecimento compartilhado com base na cooperação produtiva e levantaram a bandeira pela circulação livre de dados e códigos abertos.

Em geral, na matriz do pensamento *hacker* está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém, e, mesmo se forem, a cópia de informações não agride ninguém dada a natureza intangível dos dados. “A informação quer ser livre” é uma frase atribuída a Stewart Brand (1985, p. 49) que é central no ideário *hacker*. (...) O pesquisador finlandês Pekka Himanen (2001, p. 18), ao estudar a ética *hacker* em torno do desenvolvimento do sistema operacional GNU/Linux, constatou que “o primeiro valor a guiar a vida de um *hacker* é a paixão, ou seja, algum objetivo interessante que o move e que é de fato gerador de alegria em sua realização”. Himanen observou que *hackers*, quando superam desafios, compartilham o seu aprendizado com sua comunidade. Desse modo, os *hackers* adquirem reputação, disseminando seus conhecimentos e combinando paixão com liberdade para superar desafios complexos. (SILVEIRA, 2010, p. 34).

Segundo autora do Manifesto Ciborgue (1984) e inspiradora do movimento ciberfeminista, Donna Haraway, as máquinas e os humanos têm uma relação intrínseca, pois resultam do mesmo ponto, ambos são resultados do desenvolvimento de tecnologias e da construção de pensamentos.

A autora afirma que incorporar tecnologia a ativismo político potencializa as relações em redes sociais. Haraway (2000) diz ser necessário entender e pensar o mundo de uma outra perspectiva fora do eixo binário e hierárquico. Meios de comunicação tecnológica como extensão de corpos e corpos como extensão de sistemas tornam-se partes de um só, um ser não só híbrido, mas um ser presente entre fronteiras. Segundo a autora tem se tornado difícil nomear os feminismos atuais por um único adjetivo ou até mesmo insistir na utilização desse

⁸. *Free libre open source software*.

nome. A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato da nomeação é não é sutil. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Somos todos ciborgues. (HARAWAY, 2000).

(...) se alguma coisa de fato emerge da complexidade das mudanças correntes é a certeza de que culturas não podem ser moldadas ou determinadas por uma única mão ou fator. Mudaram até mesmo as concepções de mudança. A revolução foi revolucionada. (...) qualquer tentativa de levar em conta um determinado fenômeno imediatamente se abre para englobar todos eles. (...) As impossibilidades de assumir o controle, de entender as mudanças que ora ocorrem constituem em si mesmas alguns dos efeitos mais inquietantes a emergir do estado de espírito corrente da mudança social. A perspectiva de chegar a uma posição de saber, e preferivelmente, de controlar as mudanças que ocorreram na escala social, tem sido crucial para as modernas concepções do que era antes chamado de lugar do homem no grande esquema das coisas. Não se supunha então que a tecnologia fosse meio vital para exercer esse poder explicativo e organizacional. As revoluções em telecomunicações, mídia, coleta de dados e processamento de informações que elas desencadearam coincidiram com um senso de desordem e inquietação sem precedentes não só em sociedades, Estados, economias, famílias, sexos, mas também em espécies, corpos, cérebro, padrões climáticos, sistemas ecológicos. Há turbulência em tantas escalas que a própria realidade parece crispada. Centros tornam-se subordinados às periferias, correntes principais são superadas por águas represadas, e núcleos são erodidos pelas peles que antes se pensava que os protegiam. (PLANT, 1999, p. 47-48).

Santaella (2003) exprime que o ato de se reivindicar a existência de corpos pós-humanos gera um deslocamento de culturas identitárias, patriarcais, hierárquicas todas com o centro de poder masculino.

(...) sintetizar o quadro da localização histórica das mulheres nas sociedades industriais avançadas considerando que essas posições foram reestruturadas, em parte, por meio das relações sociais da ciência e da tecnologia. Se foi, alguma vez, possível caracterizar ideologicamente as vidas das mulheres por meio da distinção entre os domínios público e privado, uma distinção que era sugerida por imagens de uma vida operária dividida entre a fábrica e a casa; de uma vida burguesa dividida entre o mercado e a casa; de uma vida de gênero dividida entre os domínios pessoal e político (...). Prefiro a imagem de uma rede ideológica – o que sugere uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. A ideia de “rede” evoca tanto uma prática feminista quanto uma estratégia empresarial multinacional – tecer é uma atividade para ciborgues opositoristas. (HARAWAY, 2000, p. 76).

O Manifesto Ciborgue – paralelamente aos avanços de desenvolvimento de computadores pessoais, assim como, o redesenho de smartphones que pulverizaram de modo descentralizado informações – gerou uma onda subversiva e excitou entusiasticamente o feminino para atuação nos novos meios de comunicação de tecnologia em rede.

Sadie Plant, predecessora de Donna Haraway, traz as relações entre gênero e profissões tecnológicas, só que sob outra perspectiva, ao discutir a questão a partir de novos meios de comunicação. Em seu livro, *Mulher Digital*, Plant (1999) mostra, de maneira persuasiva,

como mulheres sempre estiveram inextricavelmente envolvidas com a tecnologia. Usando as operadoras de telefone como exemplo, Plant argumenta que as mulheres têm tradicionalmente compreendido o núcleo do trabalho de todos os tipos de redes, particularmente as redes telefônicas. Do poder do tear à datilografia, até mesmo a descoberta de bugs, a autora categoriza a tecnologia como fundamentalmente um objeto feminino. Ela argumenta que mulheres são máquinas inteligentes, que a robótica é feminina, que o zero – o nada no código binário – sempre foi o 0-utro, o feminino:

Estão reunindo informação, telecomunicando, controlando máquinas de lavar, realizando somas, ou fazendo vídeos, todos os computadores digitais traduzem informação em zeros e uns. Esses dígitos binários são conhecidos como bits e estão amarrados em bytes de oito. Os zeros e os uns como código parecem oferecer eles mesmos como símbolos perfeitos da ordem da realidade ocidental, a lógica antiga dos códigos que estabelecem a diferença entre ligado e desligado, direita e esquerda, luz e escuridão, forma e matéria, mente e corpo, branco e preto, bom e mal. E assim eles formam uma ótima dupla quando o assunto é sexo. Homem e mulher, fêmea e macho, feminino e masculino; o 1 a linha ereta e o 0 o diagrama do nada absoluto, pênis e vagina, coisa e vazio... É preciso dois para formar o binário, mas todos esses pares são dois de cada, e esse cada é uma espécie única. 1 e 0 formam outro 1. Macho e fêmea somam o Homem. Não há equivalente feminino. Não uma mulher universal ao seu lado. O macho é um, um é tudo, e a fêmea não possui nada que se possa ver. A mulher funciona é como um vazio, um hiato, um espaço, “um nada; nada do mesmo, idêntico, identificável... uma falta, uma falha, uma ausência, fora do sistema de representações e auto-representações.” Lacan apresenta a lei e não deixa dúvidas: “Somente há mulher como exclusão pela natureza das coisas.”, ele explica. Ela é “incompleta”, “não-toda”, e tudo que ela possa saber pode ser descrito como “não-conhecimento”. Não há tal coisa como “A Mulher, onde o artigo definitivo se mantém pelo universal.” Ela não possui um lugar como o lar, nada que é seu é próprio, a não ser o lugar do grande Outro.”, escreve Lacan, “eu designo com a letra maiúscula O. (PLANT, 1999, p. 38-39).

Violência contra a mulher em transportes públicos

A cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil. Mais de 5 por hora. 130 mulheres estupradas todos os dias. Apenas 10% dos casos chegam ao conhecimento da polícia, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2016).

Uma pesquisa⁹ divulgada (2016) pela *ActionAid*¹⁰ e realizada pelo instituto *YouGov*¹¹ no Brasil, Índia, Tailândia e Reino Unido, ouviu 2.500 mulheres com idade acima de 16 anos nas principais cidades dos quatro países. No Brasil, foram pesquisadas 503 mulheres de todas as regiões do país, numa amostragem que acompanhou o perfil da população brasileira feminina apontado pelo Censo. Todas as estudantes brasileiras participantes da pesquisa afirmaram que já foram assediadas em suas cidades. 86% das mulheres brasileiras ouvidas disseram já ter sofrido assédio em locais públicos. O levantamento detona o quão é um problema global assédio em espaços públicos, visto que, na Tailândia, também 86% das mulheres entrevistadas, seguidas de 79% na Índia, e 75% na Inglaterra já viveram o mesmo problema.

Em relação às formas de assédio sofridas em público pelas brasileiras, o assobio é o mais comum (77%), seguido por olhares insistentes (74%), comentários de cunho sexual (57%) e xingamentos (39%). Metade das mulheres entrevistadas no Brasil disse que já foram seguidas nas ruas, 44% tiveram seus corpos tocados, 37% disseram que homens se exibiram para elas, e 8% foram estupradas. A região Centro-Oeste é onde as mulheres mais sofreram assédio nas ruas, com 92% de incidência. Em seguida, vêm Norte (88%), Nordeste e Sudeste (86%), e Sul (85%).

No levantamento, as mulheres foram questionadas sobre em quais situações elas sentiram mais medo de serem assediadas. 70% responderam que ao andar pelas ruas; 69%, ao sair ou chegar em casa depois que escurece; e 68% no transporte público. Na comparação com outros países, 43% das mulheres ouvidas na Inglaterra e 62% na Tailândia disseram que se sentiam mais inseguras nas ruas de suas cidades, enquanto que, na Índia, o espaço de maior insegurança era o transporte público, apontado por 65% das entrevistadas.

Há um discurso socialmente construído e inculcado às mulheres brasileiras desde muito crianças de que se elas foram vítimas de agressão sexual é porque, de alguma forma, “estavam pedindo”- seja por serem sensuais demais, usarem roupas curtas ou até andarem sozinhas em

⁹ . Todos os resultados foram obtidos pelo YouGov. O tamanho total da amostra foi de 2.518 mulheres: 1.013 na Inglaterra, 503 no Brasil, 500 na Tailândia e 502 na Índia. O trabalho de campo foi realizado entre os dias 3 e 11 de maio de 2016. A pesquisa foi realizada online. Os números foram ponderados e são representativos de todas as mulheres maiores de idade em cada país. Para a pesquisa, foram considerados assédios atos indesejados, ameaçadores e agressivos contra as mulheres, podendo configurar abuso verbal, físico, sexual ou emocional. Fonte: ActionAid (actionaid.org.br)

¹⁰ . Fundada em 1972, a ActionAid é uma organização sem fins lucrativos cujo trabalho atinge cerca de 15 milhões de pessoas em 45 países. A ActionAid está no Brasil desde 1999. Nossa atuação já envolve 26 organizações parceiras em 13 estados, beneficiando mais de 300 mil pessoas em mais de 2,4 mil comunidades.

¹¹ . YouGov é uma empresa internacional de pesquisa de mercado baseada na Internet, sediada no Reino Unido, com operações na Europa, América do Norte, Oriente Médio e Ásia-Pacífico.

locais inapropriados para “moças de família”. Esse mesmo discurso tende a justificar o estuprador, dizendo que ele, como é “macho”, não pode controlar seus “instintos naturais”. Isso detona a cultura do estupro.

O alto índice de silêncio das vítimas traz a reflexão de que o gargalo não está na autodefesa, mas na capacidade de se reconhecer enquanto vítima e fazer a denúncia, já que são a todo momento desencorajadas. Como não são denunciados, estupradores se valem do clima de impunidade. Esse clima não viria somente de falha no sistema judicial, mas também cultura que estimula o silêncio e culpa as vítimas pela violência sofrida.

Rede Nina: sororidade ciberfeminista

Filas, tumulto, aperto e sufoco. Transporte público, fluxo, corpo da mulher vulnerável, disponível, online. Munidas de aparelhos digitais, cada mulher torna-se um alvo móvel. A Rede Nina visa empoderar as mulheres através de um aplicativo que denuncie tipos de violência que estas sofrem dentro dos espaços públicos, com recorte inicial para transportes públicos. A mulher passa a ter o poder de transformar, em poucos cliques, o seu celular em um “canivete eletrônico”, termo introduzido por Jenkins (2009), de mapeamento de violência e sororidade¹².

Em contraponto ao uso do artefato digital, Shirky (2011) afirma que mais do que interessados na tecnologia em si, o que parece ser predominante na sociedade é a vontade de fazer contato com os outros, é estar presente na rede.

O uso de uma tecnologia social é muito pouco determinado pelo próprio instrumento; quando usamos a rede, a maior vantagem que temos é acessar uns aos outros. Queremos estar conectados uns aos outros, um desejo que a televisão, enquanto substituto social, elimina, mas que o uso da mídia social, na verdade, ativa. (SHIRKY, 2011, p. 18).

Depois do primeiro desenvolvimento de códigos, a equipe Nina deve ser mantida para manutenção do projeto, porém, os integrantes têm como objetivo transformar o projeto em *open source*¹³ para que as pessoas possam estudá-lo. Com isso, muitos usuários acabam incrementando o *software* com funcionalidades extras ou até aplicando consertos de bugs que possam ocorrer. Desta forma, as alterações que são de interesse comum são compartilhadas para

¹² . Sororidade é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. Fonte: <http://migre.me/vnYU5>

¹³ . Open source é um termo em inglês que significa código aberto. Isso diz respeito ao código-fonte de um software, que pode ser adaptado para diferentes fins. O termo foi criado pela OSI (Open Source Initiative) que o utiliza sob um ponto de vista essencialmente técnico.

todos os usuários e usuárias quando o projeto, através do *Team Nina*, lança uma nova versão estável, e o mesmo tende a crescer exponencialmente tornando-se autossustentável.

(...) Floss (*free libre open source software*) para a expansão das redes digitais. Trata-se de comunidades de *hackers* que desenvolvem programas de computador com o código fonte aberto e com licenças de propriedade permissivas que permitem usar, copiar, estudar completamente, melhorar e distribuir as mudanças realizadas no *software*. O código-fonte de um *software* contém as rotinas lógicas detalhadamente encadeadas, escritas em uma linguagem de programação, mostrando tudo que o programa realiza. O código-fonte, uma vez transformado em linguagem de máquina, torna-se um código executável. De posse do código-fonte é possível conhecer, alterar e melhorar o *software*. Todavia, isso não é possível de posse somente do código executável, pois ele converteu o código-fonte em binário, em um conjunto de zeros e uns, que não podem ser entendidos pelos programadores a não ser que realizem um complexo processo de engenharia reversa. (SILVEIRA, 2010, p. 35).

Uma rede social de nicho, de empoderamento, de luta, de espaço e de voz feminista. O dispositivo de denúncia emite notificações em rede para usuários que estão a um raio próximo da vítima. Com o compartilhamento e armazenamento de dados, o portal Nina será alimentado e mapeará os principais casos de assédio identificando as linhas de ônibus que têm maior índice de crime, o horário, rotas e outras informações. Como as ações de assédio no mundo real reverberam no digital? Os dados livres coletados que constroem o mapeamento de crimes podem se tornar uma plataforma de pressão social contra o poder público no sentido de cobrar medidas de combate à violência de gênero?

(...) pode ser compreendida como um grande corpo de indivíduos caracteristicamente diferentes entre si nos mais diversos modos de expressão, mas que, apesar dessas diferenças singulares, adquiriram a capacidade de mobilização associada a partir da apropriação dos afetos ativos, favoráveis ao desenvolvimento da potência de agir, intensificada nesse conjunto que visa realizar condições favoráveis ao bem comum. Formando um grande corpo político, a multidão efetiva os resultados planejados por meio de sua sólida união. (BITTENCOURT, 2009, p. 109).

As redes horizontais de interação, especialmente as mídias sociais, propiciaram novas formas de comunicação, entre essas a autocomunicação de massa (CASTELLS, 2009), assim definida na medida em que uma informação postada na rede pode potencialmente alcançar uma audiência global e porque a produção da mensagem é gerada pelos próprios usuários de forma autodirigida (endereços particulares) e autoselecionada (quanto ao uso de fontes da Internet).

Lemos (2009), quando aborda os novos discursos do feminino em redes eletrônicas, afirma que Haraway propõe que haja uma nova articulação dos ambientes de discurso e físico por meio da revolução ciborgue com as mulheres. Estas, empossadas com o uso estratégico das tecnologias da comunicação, poderiam assim promover tal ruptura de articulação. Toda-

via, Haraway afirma que o que dita que as tecnologias são repreensivas ou libertadoras é a sua finalidade de uso e de quem as usa.

Segundo Martínez Collado e Navarrete (2006), ciberfeminismo é uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia.

Palavras-chave: ciberfeminismo; cultura; hacker; colaboração; participação.

Referências bibliográficas

BARROS, Ana Cirne Paes de. **Da Cultura da Mídia à Cultura da Participação:** a reconfiguração da comunicação entre empresas e consumidores. In: Congresso Internacional em Comunicação e Consumo. Disponível em: <<http://migre.me/vlsvN>>. Acesso em: 02 de ago. de 2016.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Espinosa e a crítica da política dos afetos tristes.** Disponível em: <http://achegas.net/numero/41/renato_nunes_41.pdf>. Acesso em: 02 de ago. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet:** Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. Disponível em: <<http://migre.me/wkoT7>>. Acesso em: 30 de outubro de 2016.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder.** Alianza Editorial, Barcelona, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/wkoZZ>>. Acesso em 03 de ago. de 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede:** economia, sociedade e cultura. Paz e Terra, São Paulo, p. 115. 2009.

COLLADO, Ana Martinez y e NAVARRETE, Ana. **Ciberfeminismo:** também uma forma de ativismo. 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Aleph, São Paulo, n.30, p. 28-30, 2009.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue:** ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Disponível em: <<http://migre.me/wkufC>>. Acesso em 03 de ago. de 2016.

HARAWAY, Donna J; KUNZRU, Hari. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano / organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Autêntica Editora, Belo Horizonte, p. 2009.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia:** arquitetura e navegação no ciberespaço. Iluminuras, São Paulo, p. 22-23, 2001.

LEMO, M. G. **Ciberfeminismo:** Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. Disponível em: <<http://migre.me/w41m2>>. Acesso: 02 de ago. de 2016.

LEVY, S. **Hackers - Heroes of the computer revolution.** O'Reilly, California, 2010, p. 28. Disponível em: <classes.visitsteve.com/hacking/wp-content/Steven-Levy-Hackers-ch1+2.pdf>. Acesso em: 30 de out. de 2016.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. Loyola, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://migre.me/wkuhy>> Acesso em: 30 de out. de 2016.

MARTINS, B. C. **Cooperação e Livre Fluxo da Informação**. A Influência da Cultura Hacker na Definição dos Padrões da Comunicação Mediada por Computador. UNIrevista, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <<http://migre.me/wkujp>>. Acesso em: 29 de out. de 2016.

PLANT, Sadie. **Mulher digital**: o feminismo e as novas tecnologias / tradução Ruy Jungmann, Record: Rosa dos tempos, Rio de Janeiro, p. 38-39, p. 47-48, 1999.

RHEINGOLD, H. **Smart Mobs** – The next social revolution. Perseu, Disponível em: <Cambridge, 2002. <http://migre.me/wkq7W>>. Acesso em: 03 de ago. 2016.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Vozes, Petrópolis, 1972.

SIBAUD, Philippe. **Short circuit**: the lifecycle of our electronic gadgets and the true cost to earth. The Gaia Foundation, London, 2013.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Zahar, Rio de Janeiro, p.18, 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n. 86, p. 34-37, jun/ago. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/wkqdc>> Acesso em: 03 de ago. 2016.